

***UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA NAS  
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA***

***A Critical View On The Teaching Of Grammar In Portuguese  
Language Classes***

Nayara Cristina de Sene Souza, Cláudia Macedo Coutinho Freitas

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo refletir a respeito do ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa. A hipótese norteadora deste trabalho fundamenta-se na ideia de que a grande maioria dos alunos apresenta dificuldades no estudo das normas gramaticais, considerando-o difícil e desinteressante, porém são capazes de utilizar a língua em diferentes situações de comunicação. A pesquisa é de natureza bibliográfica e será fundamentada em estudos BECHARA (2001); NEVES (1999); PERINI (2003); POSSENTI(2004); SILVA(2000) ; TRAVAGLIA (2004,2006). A partir da pesquisa, defendemos que, faz-se necessário haver uma mudança de enfoque no ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, sobretudo no que se refere à apropriação de um conjunto de regras gramaticais arbitrárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramática. Ensino. Língua Portuguesa.

**ABSTRACT**

This study aims at thinking about the teaching of grammar in Portuguese Language classes. We intend to bring about a discussion on the teaching of this subject. This is due to the fact that we believe your purpose would be to help the students to become “polyglots” in their own language. The guiding hypothesis of this study is based on the idea that the students have difficulties in the study of the grammatical rules, considering it to be difficult and uninteresting, however they are able to use the language in different communicative situations. The research is of bibliographical nature and it will be based on studies (BECHARA, 2001; NEVES, 1999; PERINI, 2003; POSSENTI, 2004; SILVA, 2000; TRAVAGLIA, 2004, 2006). From this study, we argue that, it is necessary to have a change of focus in the teaching of grammar in the classes of Portuguese Language, mainly concerning the appropriation of a set of arbitrary, grammatical rules.

**KEYWORDS:** Grammar. Teaching. Portuguese Language.

## **INTRODUÇÃO**

“A gramática tradicional pretende estabelecer as regras de uma língua e através delas ensinar a língua àqueles que já a dominam” (SILVA, 2000, p. 27), porém há uma contradição nessa definição: se os alunos já dominam a língua, torna-se contraditório ensinar, prioritariamente, as regras da língua padrão, dando maior ênfase a elas e não à própria língua.

De fato, a gramática tradicional estabelece regras de um predeterminado modelo ou padrão da língua para aqueles que já dominam outras variantes dessa língua e também algumas regras daquela variante que é a padrão.

Segundo Luft (2003), qualquer falante do português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, ou seja, mesmo que nunca tenha estudado gramática, ele é capaz de comunicar-se adequadamente.

Assim, acreditamos que os professores de Língua Portuguesa não podem desmerecer o conhecimento prévio, também chamado de conhecimento de mundo ou bagagem cultural, que os alunos levam consigo para a escola. É preciso que o aprendiz extraia um significado real da aula ministrada sem, contudo, abandonar sua própria história.

Na visão de Perini (2003, p. 56), “o professor de gramática terá de deixar de lado a pretensão de determinar como deve ser a língua”.

Sendo assim, o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou talvez, mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido (POSSENTI, 2004).

Considerando, então, as possíveis deficiências do ensino da gramática nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que a gramática constitui, ainda, um dos maiores obstáculos no aprendizado da língua, e o crescente desinteresse dos alunos pelo método de ensino prescritivo adotado em algumas escolas, acreditamos na necessidade de ser assumida uma nova postura pelos profissionais para o ensino dessa disciplina, visando à melhoria do aprendizado, despertando, assim, a motivação nos discentes em sala de aula.

Os alunos, como falantes nativos da língua portuguesa, são capazes de utilizar a língua nas mais diferentes situações comunicativas, porém apresentam dificuldades na aprendizagem das normas gramaticais ensinadas, no decorrer dos anos, em sala de aula na escola. Talvez seja porque, a cada ano, esses alunos armazenam um conjunto de regras gramaticais, quase sempre impostas. Essas normas não despertam o interesse deles em aprendê-las, pois consideram desnecessário, difícil e irrelevante o estudo da gramática.

Por isso, achamos necessário promover uma reflexão acerca do ensino dessa disciplina. Segundo Pécora (1999, p. 44) “é surpreendente [...] que os problemas em relação à norma culta sejam tantos, uma vez que todo o ensino de Português nas escolas está restrito ao ensino dessas normas [...]”.

Além disso, é importante ressaltar que o ensino de qualquer disciplina, inclusive a Gramática, deve basear-se nos objetivos que se pretendem alcançar. Por isso, acreditamos que as aulas de Língua Portuguesa devem ser previamente planejadas, visando às necessidades comunicativas dos alunos.

## **OBJETIVOS**

Pretendemos esclarecer o conceito de Gramática e promover uma reflexão acerca do ensino dessa disciplina, uma vez que acreditamos que a finalidade do ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa seria de o aluno tornar-se um “poliglota” dentro de sua própria língua, para que possa optar pelo registro adequado em cada situação comunicativa (BECHARA, 2001). Assim, o ensino deve abranger conjuntamente o saber teórico e o saber prático da língua.

## **REVISÃO DA LITERATURA**

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, conforme os objetivos a que se propõe, e será fundamentada em estudos sobre ensino de língua materna, que abordam a questão do ensino de gramática (BECHARA, 2001; NEVES, 1999; PERINI, 2003; POSSENTI, 2004; SILVA, 2000; TRAVAGLIA, 2004, 2006).

Este trabalho iniciou-se a partir de uma inquietação em relação ao ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, pois como professora da disciplina na Rede Pública de Ensino despertou-me o interesse de compreender os motivos pelos quais os alunos apresentam tantas dificuldades no estudo das normas gramaticais.

A hipótese norteadora deste trabalho fundamenta-se na ideia de que a grande maioria dos alunos falantes nativos da Língua Portuguesa apresenta dificuldades no estudo das normas gramaticais, considerando-o difícil e desinteressante, porém são capazes de utilizar a língua em diferentes situações de comunicação.

Então, acreditamos que há deficiências na metodologia empregada no ensino da gramática nas aulas de Língua Portuguesa, o que provavelmente dificulta a aprendizagem ao invés de fornecer embasamento para uma melhor compreensão da língua.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Por meio de estudos bibliográficos sobre ensino de língua materna, que abordam a questão do ensino de gramática, observamos que, muitas vezes, os professores não têm condições de planejar uma proposta de ensino de gramática que seja pertinente à situação vivenciada em sala de aula e que atenda às necessidades dos alunos.

Em relação aos professores, Travaglia (2006, p. 9) salienta que os mesmos “[...] sentem-se angustiados sobre o que fazer em sala de aula. Muitas vezes o desnorteio é tal que acabam não fazendo nada que seja significativa para a vida dos alunos”.

Mas, se pretendemos dar um novo enfoque às aulas de Língua Portuguesa, é necessário estabelecermos os objetivos que almejamos alcançar nessa disciplina: Para que se dão aulas de Português a falantes nativos de Português? O que esperamos desses alunos? Qual a relevância do estudo gramatical na formação deles?

A gramática, num dos conceitos apresentados por Travaglia (2006, p. 54) “[...] pode ser concebida como um manual de regras de bom uso da língua a serem

seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente, tanto na fala como também na escrita”.

Sendo assim, uma gramática é, então, um conjunto de mecanismos que os falantes utilizam para enunciarem e produzirem sentido.

Na concepção de Travaglia (2006, p. 17):

O ensino de Língua Materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a **competência comunicativa** (grifo do autor) dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.

Assim, o professor de Língua Portuguesa, tendo em vista o desenvolvimento da competência comunicativa de seus alunos, por intermédio de um trabalho pertinente e produtivo, deve traçar objetivos claros e definidos com relação ao ensino de gramática e refletir sobre a importância de privilegiar a modalidade escrita da língua.

Apesar de sabermos que a gramática normativa ou prescritiva é normalmente a mais conhecida no contexto escolar porque privilegia o estudo das regras ou normas gramaticais, acreditamos que é possível o professor trabalhar com outras variedades da língua em suas aulas, visando às necessidades comunicativas dos alunos.

Na concepção de Travaglia (2006, p. 30), a gramática normativa:

[...] é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita.

Porém, há uma séria resistência por parte dos professores quanto ao deixar de ensinar as regras gramaticais, pois elas não consideram as diversidades culturais, sociais e as variantes linguísticas, bem como o conhecimento prévio dos alunos.

Em relação à língua, para a gramática normativa, Possenti (2004, p. 74) salienta:

Para a gramática normativa, a língua corresponde às formas de expressão observadas, produzidas por pessoas cultas, de prestígio. Nas sociedades que têm língua escrita, é principalmente esta

modalidade que funciona como modelo, acabando por representar a própria língua.

Dessa forma, consideramos importante que o professor de Língua Portuguesa trabalhe a gramática de forma a incluir socialmente os alunos, sem desmerecer o conhecimento que possuem, mesmo que a gramática normativa insista em excluir e desconsiderar todos os fatos, principalmente da oralidade, que divergem da variante padrão, considerando-os “erros”, “vícios de linguagem” ou “vulgarismos”. Sendo assim, percebemos que o ensino da gramática descritiva não é muito explorado nas aulas de Língua Portuguesa, cujo objetivo principal é que os alunos escrevam “bem”, ou seja, escrevam de acordo com a gramática normativa.

Em relação à gramática descritiva, Travaglia (2006, p. 32) ressalta:

A gramática descritiva é a que descreve e registra para uma determinada variedade da língua em um dado momento de sua existência (portanto numa abordagem sincrônica) as unidades e categorias linguísticas existentes, os tipos de construções possíveis e a função desses elementos, o modo e as condições de uso dos mesmos. Portanto, a gramática descritiva trabalha com qualquer variedade da língua e não apenas com a variedade culta e dá preferência para a forma oral desta variedade.

Porém, a oralidade ainda é pouco trabalhada na escola e os alunos, acostumados a utilizar a língua livremente fora da sala de aula, limitam-se à memorização de regras e, quando ousam comunicar-se, são alvos de correções linguísticas, quase sempre pouco construtivas.

Segundo Possenti (2004 p. 75-76):

*Para a gramática descritiva nenhum dado é desqualificado como não pertencente à língua. Ou seja, em princípio, nenhuma expressão é encarada como erro, o que equivaleria, num outro domínio, à anormalidade. Ao contrário, a gramática descritiva encara [...] a língua falada ou escrita como sendo um dado variável (isto é, não uniforme), e seu esforço é o de encontrar as regularidades que condicionam essa variação.*

Além disso, vale ressaltar que a gramática descritiva não pode ser vista como menos complexa que a normativa, pois considera as diversas manifestações linguísticas decorrentes do uso que os falantes fazem de sua língua materna de acordo com diversos fatores determinantes, tais como idade, sexo, região, cultura, grau de escolaridade, entre outros.

Segundo Luft (2003) em consonância com Possenti (2004), a gramática internalizada é uma das perspectivas em que a gramática pode ser considerada sendo, na concepção de Luft (2003, p. 36) “o conjunto de regras que o falante domina, ou seja, qualquer falante da Língua Portuguesa, antes mesmo de frequentar a escola, já sabe formular sentenças que podem ser perfeitamente compreensíveis e reconhecidas na sua língua”.

Assim, parece-nos que os professores de Língua Portuguesa, de um modo geral, preocupam-se em ensinar a teoria gramatical ou linguística aos alunos, o que se torna o enfoque principal nas aulas e não há uma preocupação maior com o desenvolvimento comunicativo dos alunos,

Segundo Perini (2003, p. 55), “deve-se estudar gramática para saber mais sobre o mundo”.

Assim, acreditamos que o estudo da gramática normativa não deve constituir a finalidade das aulas, mas ser um instrumento para facilitar a aprendizagem, ao invés de dificultá-la.

Na visão de Perini (2003), o ensino de gramática tem três defeitos que o inutilizam como disciplina: os objetivos mal colocados, a metodologia adotada inadequadamente e a própria matéria, que precisa de uma organização lógica.

Em relação a esse aspecto, Possenti (2004, p. 56) pondera:

Falar contra a ‘gramatiquice’ não significa propor que a escola só seja ‘prática’, não reflita sobre questões de língua. Seria contraditório propor essa atitude, principalmente porque se sabe que refletir sobre a língua é uma das atitudes usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades [...].

Assim sendo, apesar de conhecermos os “defeitos” que inutilizam a gramática como disciplina, é necessário considerarmos sua importância ímpar no que se refere às questões de reflexão sobre a língua, uma vez que, alteradas as prioridades do ensino dessa disciplina nas escolas, a gramática torna-se um instrumento facilitador da aprendizagem.

Nos dizeres de Travaglia (2006, p. 41):

[...] se se acredita que em diferentes tipos de situação tem-se ou deve-se usar a língua de modos variados, não há por que, ao realizar as atividades de ensino/aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a norma culta, discutindo apenas suas características e buscando apenas o seu domínio em detrimento das outras formas de uso da língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações.

Por isso, achamos necessário que o professor de Língua Portuguesa, ao preparar suas aulas, considere os conhecimentos prévios que os alunos possuem da maioria das estruturas gramaticais, pois esses conhecimentos podem auxiliá-lo no desenvolvimento do conteúdo a ser ministrado.

Assim, ao invés de distanciar o ensino de gramática da realidade dos alunos com atividades reduzidas à assimilação de regras gramaticais, ou mesmo trabalhar a leitura e a produção de texto de maneira descontextualizada, apenas como pretexto para ensinar a gramática normativa, o que acaba por desmotivar os alunos, o professor pode tornar o ensino bastante produtivo.

Torna-se necessário (e conveniente) o professor assumir que os alunos são conhecedores da sua própria língua, o que, talvez, seja um caminho para o ensino em questão.

## **CONCLUSÃO**

A partir da pesquisa, obtivemos importantes conclusões, principalmente que deve haver uma mudança de enfoque no ensino da gramática nas aulas de Língua Portuguesa diante das dificuldades apresentadas pelos alunos, sobretudo no que se refere ao armazenamento de um conjunto de regras gramaticais impostas.

Acreditamos, pois, que o estudo da gramática normativa não deve ser suprimido das aulas de Língua Portuguesa, uma vez que constitui um instrumento para o aprendizado da língua. Esse ensino, no entanto, deve ser focalizado de outra maneira: um estudo contextualizado, que leve os alunos a refletirem, tornando-os cidadãos críticos, participativos e atuantes na sociedade em que estão inseridos.

Esta pesquisa é relevante, considerando que o mais importante trabalho do professor de Língua Portuguesa é transformar seu aluno num “poliglota” dentro de sua



própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação (BECHARA, 2001).

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Loyola, 2000. 150 p.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999. 196 p.
- BECHARA, E. **Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?** 11. ed. São Paulo: Ática, 2001. 77 p.
- LUFT, C. P. **Língua e Liberdade**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003. 110 p.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986. 119 p.
- NEVES, M. H. M. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1999. 69 p.
- PÉCORRA, A. **Problemas de redação**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 122 p.
- PERINI, M. A. **Sofrendo a gramática**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2003. 102 p.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas: Mercado das Letras, 2004. 95 p.
- SILVA, R. V. M. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000. 68 p.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática: ensino plural**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 239 p.
- \_\_\_\_\_. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 245 p.

## AUTORAS

**Nayara Cristina de Sene Souza**, graduada em Letras (Português/Inglês) pelas Faculdades Associadas de Uberaba – FAZU. Aluna da pós-graduação, em Gestão Escolar: Administração, Inspeção e Supervisão na Fundação Educacional de Ituiutaba, associada à Universidade do Estado de Minas Gerais, Campus Ituiutaba-MG.  
[nayarasene@yahoo.com.br](mailto:nayarasene@yahoo.com.br)

**Cláudia Macedo Coutinho Freitas**, mestre em Educação, professora da Fundação Educacional de Ituiutaba, associada à Universidade do Estado de Minas Gerais, Campus Ituiutaba-MG.  
[coutinho.claudia@hotmail.com](mailto:coutinho.claudia@hotmail.com)